

PREFÁCIO
VIDAS COM HISTÓRIA
A MEMÓRIA DA GUERRA E A GUERRA DA MEMÓRIA

Apesar de frequentemente se considerar que a Guerra Colonial continua a ser um assunto tabu na sociedade portuguesa, a verdade é que, ao longo das últimas décadas, vários factos nos permitem contestar essa ideia.

Desde logo, o sucesso da série documental *A Guerra*, da autoria de Joaquim Furtado, transmitida pela RTP, em horário nobre, ao longo de seis anos (2007-2013) e que, na sua primeira temporada, alcançou o impressionante número de mais de um milhão de espectadores. Igual êxito teve o *site Guerra Colonial, 1961-1974*, <http://www.guerracolonial.org>, lançado em 2009 como resultado de uma parceria entre a Associação 25 de Abril e a RTP.

Coordenado por Pedro Lauret, este projecto é suportado por uma aturada pesquisa e um trabalho de sistematização, disponibilizando um conjunto alargado de informações (textos, cronologias, dados estatísticos e testemunhos) e imagens (mapas, fotografias e, sobretudo, dezenas de vídeos do arquivo da RTP) que o transformam num recurso fundamental para todos os que pretendem conhecer melhor as realidades da Guerra Colonial.

Finalmente, não podemos deixar de fazer também uma referência ao mundo editorial onde se assiste a um verdadeiro frenesim sobre o tema.

Amplamente divulgadas e aclamadas, obras como *Os Anos da Guerra (1961-1975). Os Portugueses em África – crónicas, ficção e história*, de João de Melo (org.) (1988); *A Guerra de África 1961-1974*, de José Freire Antunes (1996); e *Guerra Colonial – Angola, Guiné, Moçambique*, de Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (2000), deixam patente que, pelo menos a partir dos finais dos anos oitenta do século XX, a Guerra entrou na agenda das grandes editoras nacionais.

de modelos de formação que apostavam em cursos intensivos e acelerados que, segundo o autor, manifestavam graves deficiências e eram pouco ajustados às realidades da guerra.

A polémica prepassa esta obra, da primeira à última página. Um dos aspectos mais significativos a este respeito é, sem dúvida, a atribuição de um papel central aos *Capitães do Fim...*, apresentando-os como actores centrais de um Exército que designa como quase-miliciano, nos anos finais da guerra.

No decurso do seu doutoramento, António Nogueira ouviu muitos capitães milicianos, muitos subordinados desses capitães mas também vários oficiais do quadro permanente. Os dados assim compilados foram complementados com outros, nomeadamente os obtidos a partir da análise de autobiografias e, sobretudo, de histórias de vida.

Sob uma aparente linearidade, ou até simplicidade, a história de vida é complexa e exigente porque, entre outros aspectos, encerra o desafio de desencadear testemunhos orais ricos e obriga a uma crítica acutilante. Apesar das dificuldades e dos desafios que o método encerra, os seus benefícios são indiscutíveis, desde logo ao permitir a criação de novas fontes e a preservação de memórias que, de outra forma, corriam o risco de se perderem.

Assim, estas narrativas e estes testemunhos na primeira pessoa conferem uma nova dimensão ao trabalho de António Nogueira, transformando-o num exercício de cidadania responsável, essencial para o conhecimento e a divulgação da nossa história mais recente e num contributo importante para a preservação da nossa memória colectiva

Lisboa, 8 de Fevereiro de 2016

MARIA INÁCIA REZOLA
Docente da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS-IPL)
e Investigadora do Instituto de História Contemporânea (IHC/UNL)